

A RUA TAMBÉM É MINHA

Carla Elisa Kohl

Após ser aplicada uma atividade extraclasse, paro para pensar: como desenvolver? Como fazer para descrever uma cena ou microcena ligada ao trânsito? Percebo que é fácil, muito fácil mesmo. Acho que vou escrever sobre aquele que saiu “fechando todos” em plena autoestrada. Não, melhor não. Penso agora que devo escrever sobre uma postura minha. Mas por que razão escreveria sobre uma postura minha, não seria mais óbvio observar como expectador? Bom, o fato é que se faz necessário cumprir a atividade extraclasse.

Parei então para observar o trânsito como expectador, afinal, é sempre “mais fácil” analisar o comportamento de terceiros do que os próprios. Várias são as cenas, muitas negativas, outras tantas positivas, que poderia citar, mas resolvi começar por mim. E nesse caso pergunto: estaria certo DaMatta (1986) quando diz que o brasileiro arruma um “jeitinho” pra juntar o “não pode”, legal, ao “pode”, necessidade de fazer? E prontamente respondo: percebo que sim. O porquê? Bom, esse é outro questionamento.

Resolvi fazer um “experimento social”. Respeitar a velocidade das vias, não utilizar o celular ao conduzir, ultrapassar somente pela esquerda, não seguir quando não permitido pelo semáforo, ainda que no horário da madrugada. Tenho que admitir: funcionou muito pouco tempo. Em seguida passei a não ter a mesma paciência de deixar o condutor que trafega pela esquerda passear pacientemente, enquanto aguardo atrás para ultrapassar. O tempo curto para dormir, uma resposta devida ao orientador, ou ainda, alguma atividade extraclasse me fazem “pisar mais fundo” na volta para casa. Meras mentiras, pois no tempo que chego antes, mal dá para tomar um copo d’água. Só que, nesse momento, já desrespeitei qualquer velocidade permitida, e diga-se, muito além da permitida. No início do experimento o celular estava no porta-malas, rapidinho veio para o banco traseiro, mas tinha o transtorno de parar no semáforo e pegar, afinal no semáforo pode, não? Mais rápido ainda veio parar ao lado da direção, pois não podemos deixar de utilizar o celular, mesmo dirigindo. Ora, é só digitar, vou acionar o *Bluetooth*, não tem perigo nenhum. Pois bem, ou as pesquisas não apresentam a realidade quando indicam desvio da atenção enquanto o motorista mexe no telefone e dirige ao mesmo tempo ou sou uma “supermulher”.

Assim sigo, até me convencer – seria melhor do que ser convencida –, agindo como expectador e protagonista do trânsito. Algumas vezes “vilã”, outras “mocinha”, mas ainda sem entender o que nos leva à imensa dificuldade de obedecer às leis. Segundo DaMatta (2010, p. 35) essa “atitude revela uma tendência inconsciente ou implícita ao uso pessoal da rua”. Nesse caso, quantos anos de terapia seriam necessários para que fosse possível agir de forma consciente?

BIBLIOGRAFIA

DAMATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco Ltda, 1986.

DAMATTA, R. **Fé em Deus e pé na tábua.** Rio de Janeiro: Rocco Ltda, 2010.